

INTRODUÇÃO

A historiografia mais aceita entrelaça o surgimento do skate à cultura surfista na ensolarada Califórnia da década de 1950. Em busca de adrenalina nos dias sem ondas, jovens teriam adicionado rodas de patins às madeiras de suas pranchas, desterritorializando (Deleuze; Guattari, 1995) o esporte do mar para o território urbano, num contexto semiótico totalmente diferente. Ao se reterritorializar, o skate reinterpreta a cidade e a utiliza de maneiras não convencionais. Escadas, corrimãos, calçadas, rampas e meios-fios deixam de ser meros elementos arquitetônicos e se transformam em lugares de prática, em pistas improvisadas que desafiam a lógica utilitária do espaço urbano.

O skate emerge como uma manifestação transgressora no que tange aos constantes desafios ao território que a prática promove. Em Deleuze e Guattari (Deleuze; Guattari, 2012b), a noção de território extrapola o registro geográfico de coisas e objetos. O conceito é composto por enunciados, implicações, ordenações, repetições oitivas ou auditivas, os chamados ritornelos. O território urbano, com seus personagens rítmicos e paisagens melódicas (Deleuze; Guattari, 2012b), institui-se por um ritmo específico, de passos, ultrapassagens, lugares de andar e parar, sinais, sons, proibições, regras e deveres. Por isso que o skate é uma prática inerentemente rebelde, o que faz com que seus representantes sejam frequentemente estigmatizados como desordeiros pela mídia e pela sociedade.

Apesar da marginalização inicial e dos estereótipos negativos, o skate floresceu como uma forma de expressão, produziu uma cultura própria, constitui seus territórios particulares e conquistou adeptos, transformando-se em um fenômeno global, como se nota, por exemplo, nas competições que interpretam o skate por uma via esportiva e o lançam como uma importante prática mundialmente conhecida.

Ao “saltar no ar, captar um momento e voltar a tocar o chão, aprender, registrar, demonstrar, dividir a experiência, estar, ser e andar pela cidade”, o skatista, como descreve Pereira *et al.* (2020, p. 13), nos convida a refletir sobre a juventude, a instituição prática, a luta pelo direito à cidade e a possibilidade de outras semióticas relacionadas à cultura corporal. A prática do skate transcende a mera atividade física e se traduz numa maneira de reformular a relação tomada por óbvia com o território urbano, desterritorializando e reterritorializando o skate, agregando novos elementos a uma já complexa ecologia (Guattari, 2012). Essa experiência singular permite ao skatista se conectar com a cidade de maneira autêntica, transformando-a em um palco de expressão e desafio. (Pereira *et al.*, 2020).

O skate desembarcou no Rio de Janeiro no final dos anos 1960, trazido por surfistas que, inspirados nos anúncios de revistas estadunidenses como a “Surfer”, buscavam novas formas de deslizar e se conectar com a sensação de liberdade. Segundo o historiador Leonardo Brandão (2014), os primeiros

skates brasileiros, assim como seus ancestrais californianos, eram improvisados, basicamente com a fixação de eixos e rodas de patins em pedaços de madeira. Essa gênese artesanal reflete o espírito inventivo do “faça você mesmo” que caracteriza a prática do skate desde seus primórdios.

Em meados da década seguinte, o skate começou a conquistar as ruas e os territórios brasileiros, encontrando seu espaço inicial nas lojas de surfe, porta de entrada para a sua ramificação nos mais diversos ambientes sociais. Rapidamente, consolidou-se entre a juventude, impulsionado pelas axiomatizações capitalistas que, atentas ao fenômeno, investiram na comercialização de revistas especializadas, filmes, programas de TV e uma infinidade de produtos relacionados ao universo do skate, como acessórios, vestimentas, artefatos desenvolvidos para o próprio skate, o que, evidentemente, além de popularizar a prática, também contribuiu para a transmutação da sua semiótica, dos seus ritornelos e do território do skate.

Tamanho lastro favorece a tematização do skate pelas professoras e professores que se alinham epistemológica e metodologicamente ao currículo cultural da Educação Física (Neira; Nunes, 2009, 2022). Assumidamente inspirada na teorização pós-crítica (pós-estruturalismo, pós-colonialismo, pós-modernismo, estudos culturais, estudos de gênero, teoria queer, multiculturalismo crítico e filosofia da diferença), tal concepção curricular posiciona a cultura no centro da discussão pedagógica e toma os seus significados e representações como

elementos que engendram situações didáticas que compõem a tematização definidas sob a alcunha dos conceitos/funções de mapeamento, vivências, leitura da prática corporal, resignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação, organizadas e desenvolvidas por docentes agenciados pelos princípios ético-políticos do reconhecimento da cultura corporal da comunidade, articulação com o projeto político pedagógico da escola, justiça curricular, descolonização do currículo, rejeição ao daltonismo cultural, ancoragem social dos conteúdos e favorecimento da enunciação dos saberes discentes.

Apesar da sua presença em escolas espalhadas por todo o país, investigações e experiências com a perspectiva cultural da Educação Física têm seu epicentro no Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, o GPEF. Uma consulta ao seu repositório digital revela que o skate ocupa um importante espaço nas tematizações realizadas nas escolas e tem sido cartografado desde a fundação do grupo em 2010. A cartografia, como proposto em Deleuze e Guattari (2011a), procura construir mapas que não se dedicam à delimitação dos espaços físicos, mas que objetivam rastrear os entrecruzamentos (Bonetto; Neira, 2019) das linhas de investimento do desejo. O desejo é aquele que produz o real (Deleuze; Guattari, 2011b) e a segmentaridade das suas três linhas de investimento podem ser nomeadas como: molares (linhas que investem definições, mais estáveis),

moleculares (linhas mais flexíveis, que se multiplicam e desestabilizam a rigidez molar) e de fuga (como denominam, as linhas mais abstratas). Essas linhas compõem um mapa singular de um determinado território, seus investimentos e efeitos, configurando-se como objeto central de um estudo cartográfico (Deleuze; Guattari, 2012a).

Ainda que os estudos que envolvam o skate no âmbito do GPEF não tenham se afirmado cartográficos em seu método, é condizente propor que as tematizações contribuem para uma cartografia da prática do skate, tanto nos territórios estudados, quanto no território brasileiro em geral. Isso porque as pesquisas sobre e os relatos das experiências de tematização do skate demonstram os enunciados, agenciamentos, personagens, paisagens e ritornelos investidos, que produzem a prática do skate da forma como conhecemos ou que passamos a conhecer a partir da sua tematização em todas as etapas da Educação Básica.

Com um olhar atrelado à filosofia da diferença, o presente capítulo deste livro explora a correlação entre as aulas de Educação Física culturalmente orientadas e a prática do skate. Para tanto, com o auxílio das ferramentas conceituais disponibilizadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, analisamos a documentação disponível com o intuito de compreender o modo como essa vertente de ensino tem abordado a prática corporal. Na próxima seção, os trabalhos elaborados por Oliveira Júnior (2012), Bonetto (2013), Neira (2014), Gomes (2015), Cesaretti (2016), Lopes (2019), Berselli

(2021) e Irias (2022). e Souza (2024) foram lidos a partir dos argumentos extraídos da filosofia da diferença. Os arquivos datam de 2012 até 2024, o que demonstra não só que o skate vem sendo tematizado no currículo cultural da Educação Física desde o início dos trabalhos do GPEF, mas, como os agenciamentos que envolvem a prática corporal estão ramificados pelas mais diversas escolas e locais há mais de uma década, anunciando a relevância do tema. Nesse sentido, seguindo a lógica de Nietzsche (2017, p. 189), para quem “quanto mais olhares, diversos olhares, soubermos direcionar para a mesma coisa, tanto mais completo será nosso conceito sobre essa coisa, nossa objetividade”, esperamos, a partir da originalidade desta análise, inspirar novas tematizações do skate nas aulas de Educação Física.

O CURRÍCULO CULTURAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E A TEMATIZAÇÃO DO SKATE

Oliveira Júnior (2012) relata a experiência de tematizar o skate com o currículo cultural nas aulas de Educação Física junto com a turma do 6º ano C da EMEF Raimundo Correia, no bairro periférico e populoso de São Miguel Paulista, zona leste da cidade de São Paulo. O professor, agenciado pelos enunciados preconceituosos que emergiam naquele território, marcado pela presença majoritária de descendentes de nordestinos, articulou o skate ao Projeto Político-Pedagógico da escola, que naquele ano valorizava a diversidade cultural

e o respeito às diferenças, baseando seu trabalho nas Orientações Curriculares do Município de São Paulo para a Educação Física.

A escolha do tema surgiu com o mapeamento da turma e a detenção da atenção (Kastrup, 2020) do professor na presença de skatistas na turma, como Tati e César, e por causa de um trabalho similar desenvolvido com o 8º ano. Kastrup (2020) privilegia a temática da atenção no que se refere à produção cartográfica, pois entende que é necessário atentar a tudo - mesmo que, inicialmente, os detalhes pareçam ser irrelevantes. Os/as alunos/as enunciaram vivenciar preconceitos por serem skatistas, sendo frequentemente associados ao uso de drogas. Buscando compreender esses estigmas e promover uma visão mais ampla sobre os agenciamentos possíveis que envolvem o skate, problematizando o personagem “skatista drogado”, o docente inicia o trabalho se utilizando de perguntas e imagens.

Objetivando, a partir do currículo cultural (Neira; Nunes, 2022), ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre o skate, as aulas contaram com vivências na quadra, utilizando skates que foram emprestados e com a realização de pesquisas sobre equipamentos, manobras e modalidades. Tati e César, skatistas da turma, foram incentivados a desterritorializar a “subjetividade aluno/as” e reterritorializarem a “subjetividade professores/as”, com o intuito de compartilhar os mais diversos ritornos com os/as colegas da turma, que envolviam seus conhecimentos, habilidades,

gestos, falas, expressões, etc. As linhas traçadas pelos investimentos que compunham o mapa da aula de skate, levaram a possibilidade do uso de novos equipamentos como o *waveboard*, e convidados especiais como o aluno Renato, do 8º ano, que compartilhou sua experiência como skatista e as dificuldades que enfrenta, novamente, pelos enunciados preconceituosos.

Essas problematizações dos enunciados preconceituosos, demonstrando-se importantes platôs (Deleuze; Guattari, 2011a) no mapa construído, foram estendidos pelo docente (Lopes; Vieira, 2023) e se intensificaram com a leitura e discussão de reportagens sobre a falta de pistas de skate e os conflitos com moradores, por meio de debates sobre o tema. Os/as alunos/as registraram suas experiências e reflexões em um caderno, documentando o processo e construindo painéis sobre o skate para exposição na escola. A tematização de Oliveira Júnior (2012) atingiu seus objetivos ao fazer circular novos enunciados sobre o skate, flexibilizando as linhas de investimento que, em vários momentos, demonstrava-se enrijecida em investimentos que construíam subjetividades preconceituosas para o personagem skatista, levando muitos a taxar seus praticantes sem nem mesmo ter qualquer tipo de experiência relacionada à prática.

Bonetto (2013) relata a experiência “Skate no Júlio: o currículo cultural em ação”, uma iniciativa que tematizou o skate como manifestação cultural nas aulas de Educação Física da EMEF Júlio Mesquita, no bairro do Butantã, em São Paulo. Desen-

volvida no primeiro semestre de 2013 com três turmas do 5º ano, o estudo foi além do agenciamento esportivo e explorando diversas territorializações possíveis do skate e a rica semiótica que envolve a sua prática. Em Guattari e Rolnik (2013) a semiótica é um conceito importante que denota toda a caracterização de uma prática como o skate - o que poderia, em termos culturais, ser chamado de significados, representações, signos passíveis de leituras, como o próprio material (o *shape* do skate, as rodas, materiais de proteção) as vestimentas, onde ocorrem, os espaços necessários, tudo isso compõe a semiótica que envolve o skate e, em termos mais amplos, seu território próprio.

A tematização, como descreve o relato, foi fundamentada no Projeto Eco-político-pedagógico (PEPP), no Projeto Especial de Ação (PEA) e nas Orientações Curriculares de Educação Física da Secretaria Municipal da Educação. Durante o mapeamento, os estudantes demonstraram grande interesse pelo skate, uma prática até então inexplorada nas aulas de Educação Física. Para além das vivências, o estudo inclui uma variedade de atividades como a assistência a vídeos, jogos de videogame, construção de skates de dedo e maquetes de pistas. De forma detalhada, foram estendidas nas cartografias das aulas diferentes linhas de investimento que gravitavam (Lopes; Vieira, 2024) variadas modalidades do skate, como *street*, *downhill*, *freestyle*, mega rampa e vertical, permitindo que os/as discentes explorassem suas características e particularidades, alheios a uma

noção de habilidades técnicas ou desenvolvimentista. Como ponto culminante, a tematização proporcionou aos alunos a participação em um evento de skate no CEU Butantã, onde puderam vivenciar a prática numa pista e interagir com outros skatistas. A exibição de um curta-metragem sobre skate produzido pelos/as próprios/as alunos/as encerrou o estudo, os/as quais destacaram o acesso sobre a importância aos diferentes enunciados sobre as semióticas variadas da prática, além da importância de estudar e valorizar diferentes manifestações culturais no ambiente escolar.

O estudo em Bonetto (2013), da mesma maneira que Oliveira Júnior (2012), também se defrontou e se preocupou em flexibilizar os investimentos das subjetividades em estereótipos associados aos skatistas, principalmente aos que se referiam ao uso de drogas - entrecruzamento (Bonetto; Neira, 2019) que faz tombar as linhas para investimentos menos flexíveis, que denominaríamos preconceituosos, e que atravessam as possíveis cartografias das aulas que envolvem a prática do skate.

Neira (2014), em estudo posterior, faz uma etnografia da prática do skate na Praça Roosevelt, localizada no centro da capital paulista. Trata-se, aqui, de um primeiro trabalho relacionado ao skate que se utiliza de uma metodologia de pesquisa em específico e acontece fora da escola - ou seja, no território em que uma prática irrompe sem a mediação curricular ou de um/a docente. O estudo de campo pautado em entrevistas e observações lhe permitiu extrair contribuições relevantes para a pe-

dagogia cultural da Educação Física: 1 - O skate é uma prática corporal que pode se integrar ao currículo para promover a diversidade e a inclusão, valorizando diferentes manifestações culturais e identitárias; 2 - O skate precisa ser analisado sob a ótica das relações de poder e da construção de identidades, destacando como os skatistas resistem a estigmas e preconceitos sociais; 3 - O skate se caracteriza pela forte interação social entre os praticantes, o que contribui para a formação de laços de amizade e coesão dentro do grupo; 4 - O skate se associa à resistência contra a disciplina- rização e à busca por liberdade e criatividade, diferenciando-se de esportes institucionalizados. O mapa que o estudo forneceu, possibilitaria pensar o skate como uma prática ainda em ascensão, o que se constataria, mais à frente, com a midiati- zação da prática e inserção em grandes eventos, atribuindo-lhe características esportivas.

Gomes (2015) descreve uma tematização de skate na Escola da Prefeitura de Guarulhos Cle- mentina de Jesus. No seu relato de prática, aborda os desafios enfrentados e a participação dos/as alunos/as no processo. A escola não possuía qua- dra, pátio ou outro espaço amplo, limitando-se a uma pequena área coberta por cimento e outra por terra, o que se configurou como um desafio estru- tural. A escolha pela tematização do skate se deu através da emergência do tema a partir dos enun- ciados dos/as próprios/as discentes, que escreveram e desenharam sobre a prática corporal - de- monstrando, pelo rastreamento dos agenciamen-

tos daquele, possíveis cartografias para territórios ainda pouco explorados. A tematização também atravessou questões de gênero, desafiando linhas inflexíveis que agenciam subjetividades a discrimi- nar meninas que praticam skate, objetivando pro- mover o envolvimento de todos/as os/as alunos/as.

Diante de variadas formas de se comunicar, que incluíram rodas de conversa, vídeos, registros variados, fizeram emergir enunciados que incenti- varam o respeito à história, às modalidades e téc- nicas do skate, proporcionando os entrecruzamen- tos de variados investimentos que complexificaram o mapa deste território em particular, constituindo a possibilidade de novos agenciamentos relacio- nados à prática. Os processos avaliativos foram conduzidos por meio de rodas de conversa, re- gistros dos/as alunos e observações do professor. Foi também realizado um convite a uma skatista mulher para que pudesse dialogar com os/as alu- nos/as e compartilhar suas experiências e enfren- tamentos, circulando novos enunciados, desterrito- rializando e reterritorializando investimentos às subjetividades. Os pontos destacados por Gomes (2015) evidenciam a importância do protagonismo dos/as alunos, a problemática da superação de de- safios estruturais e a promoção de um ambiente inclusivo e colaborativo.

Cesaretti (2016) relata uma experiência com o currículo cultural da Educação Física que temati- zou o skate no Ensino Médio de uma escola da rede SESI, situada em AE Carvalho, na zona leste de São Paulo. A tematização entrecruzou diversos

agenciamentos relacionados ao skate, como a influência de diferentes crises econômicas e movimentos contraculturais no decorrer de sua trajetória. O documentário “Dirty Money” ilustrou a complexidade do território “skate”, despertando o olhar dos/as alunos/as para o contexto social em que a prática se desenvolveu.

Assim como os relatos anteriores, a tematização investiu atenção aos mesmos ritornos caracterizados preconceituosos e estigmas que territorializam a semiótica skatista ao estereótipo do “personagem marginal”, num sentido depreciativo. Foram discutidas também as barreiras de gênero enfrentadas pelas skatistas, especialmente em países como o Afeganistão, ampliando o acesso dos estudantes a questões que permeiam territórios que não somente os brasileiros. A discussão se estendeu para os aspectos sociais e econômicos, problematizando questões como o custo dos equipamentos, a acessibilidade ao esporte e a influência do mercado na prática do skate, o que permitiu, como reverbera o estudo de Neira (2014), análises das relações de poder e consumo presentes no universo do skate - ainda que, de maneira oportuna, destacou-se, por exemplo, a importância do uso de equipamentos de segurança reforçando a atenção aos riscos e a prevenção de acidentes.

A colaboração entre os/as alunos/as no compartilhamento dos skates mobilizou atitudes pautadas na solidariedade e o respeito mútuo. As aulas investiram na vivência da prática, permitindo a experimentação de técnicas básicas e avançadas,

sem, para isso, recorrer aos enunciados relacionados ao desenvolvimentismo. Enunciados que remeteram a coragem, determinação, status social e a influência da cultura na formação dos corpos e identidades dos praticantes circularam e complexificaram a cartografia das subjetividades, acrescentando linhas alternativas possíveis ao investimento do “skatista marginal” ou “skatista drogado”, assim, mais longe nos rizomas abertos, estendendo-os (Lopes; Vieira, 2024). A participação de skatistas profissionais a convite do professor agenciou os/as alunos/as a compartilharem experiências e abrir novos espaços para debates sobre questões de gênero e territorializações preconceituosas.

Lopes (2019) relata uma experiência marcante com a tematização do skate nas aulas de Educação Física também para estudantes do Ensino Médio em uma escola localizada em uma área vulnerável de São Paulo, caracterizada pela precariedade de direitos sociais básicos e altos índices de violência. Nesse contexto desafiador, como aponta o relato, o skate transcende a prática recreativa, configurando-se como uma poderosa ferramenta de enunciação de valores próprios e (re)territorializações subjetivas para os/as jovens do local. As cartografias dos mapas associados ao estudo demonstraram que a modalidade *street* é a mais popular entre os/as alunos, que investem na arquitetura urbana como palco para suas manobras - molecularizando os investimentos associados à semiótica local. Naquele contexto, os/as skatistas, ao se apropriarem do espaço urbano, subvertem

a função original dos objetos, adaptando-os à sua prática. A “cultura underground” do skate, ou seus fluxos menores (Deleuze; Guattari, 2014), suas gírias, músicas, vestuário e valores, se contrapõe à massificação e à padronização, expressando sua capacidade de flexibilização das linhas molares nas diferentes cartografias possíveis acompanhadas. Analisar o skate sob a ótica das linhas moleculares em Deleuze e Guattari é explorar o potencial dessa prática para desterritorializar, desestabilizar normas e produzir diferença. Os trabalhos anteriores já denotaram essas linhas moleculares, ou seja, *fluxos menores* que escapam dos códigos dominantes, de suas *organizações maiores*, binárias, territorialistas, introduzindo variações, multiplicidades, formas outras para o contexto urbano.

No entanto, como em todos os estudos realizados, os/as jovens skatistas enunciam os enfrentamentos a discriminação e outras barreiras de uma prática que ainda não se desterritorializou completamente dos agenciamentos preconceituosos: a falta de espaços adequados para a prática e a dificuldade de profissionalização. A necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da família, a idade avançada para iniciar um treinamento profissional, o alto custo dos materiais e a distância dos grandes centros de skate impõem barreiras para aqueles que almejam seguir carreira no esporte. Ao tematizar o skate nas aulas de Educação Física, Lopes (2019) proporcionou aos estudantes a oportunidade de analisar a prática de diferentes perspectivas, fazendo circular enunciados pouco

acessados, discutindo questões sociais relevantes como a escassez de espaços de lazer e aprofundando a compreensão sobre os skatistas e seus significados sociais.

O texto de Berselli (2021) se constitui na escrita da experiência de outro professor que tematiza o skate também em aulas de Ensino Médio - contudo, durante o período pandêmico, em uma unidade do Sesi localizada na cidade de Campinas. A escolha da temática se deu pelo skate ser do interesse comum entre os alunos, estendendo um agenciamento já territorializado na prática dos/as estudantes. O formato híbrido, com atividades presenciais e remotas, foi adotado para atender às demandas do contexto da época, utilizando plataformas digitais como Microsoft Teams e o site Conexão Digital - plataforma que foi criada pela própria rede para o período pandêmico. Os alunos foram encorajados a trazer para a escola seus próprios skates e outros equipamentos, como *waveboards* e patins.

O professor instigou a turma a enunciar sobre suas noções de “skatista” e as respostas revelaram territorializações de investimentos estereotipados nas subjetividades agenciadas pela prática como referências ao “estilo *street wear*”, “roupa larga e escura”, “usa All Star, Vans”, “magrelo”, “cabelo grande”, “radicais”, entre outros. Com o intuito de problematizar esses enunciados, foi elaborada uma apresentação com fotos, vídeos e notícias que retratavam skatistas de diferentes perfis, incluindo meninas, bebês, idosos, pessoas com obesidade e deficiências físicas e visuais, o que ilustrou as

possibilidades diversas que estão presentes na comunidade do skate para além dos ritornelos que constituíam os territórios subjetivos. Isso levou a tematização a envolver pesquisas de vídeos e imagens de manobras, assistência de documentários, exploração de diferentes formas de andar de skate, tanto em casa quanto na escola - sempre com a preocupação de respeitar os protocolos sanitários instaurados à época. O estudo ainda incluiu uma entrevista com uma professora praticante de *longboard*, o que proporcionou reflexões sobre a participação feminina no skate e temas relacionados. Por fim, os/as alunos também produziram materiais sobre diversos aspectos relacionados ao território do skate, como manobras, modalidades, preconceitos e estereótipos, a música e a moda. Essas atividades contribuíram para que os entrecruzamentos (Neira; Bonetto, 2019) das linhas mapeadas naqueles territórios, passassem a disputar espaço com investimentos flexibilizados que reconheciam o skate como uma prática inclusiva e diversa, acessível a todos, independentemente de idade, gênero ou condição física - possibilitando novas cartografias do desejo e novos componentes nos mapas subjetivos.

Irias (2022) descreve uma tematização instigante desenvolvida no primeiro semestre de 2022 com duas turmas do 5º ano da mesma escola que Oliveira Júnior (2012). O skate foi escolhido para ser tematizado após um mapeamento das práticas corporais e das territorializações nas subjetividades dos estudantes. Visando a exploração do uni-

verso semiótico do skate, as atividades investiram, entre outras, na utilização de equipamentos de proteção para garantir a segurança dos/as alunos; na exploração das diversas modalidades do skate; e visitas a uma pista de skate. As visitas e as entrevistas com skatistas possibilitaram o contato direto com os enunciados dos/as praticantes, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre suas trajetórias e proporcionando uma multiplicidade de afectos completamente novos que enriquecem o agenciamento entre alunos/as, escola, praticantes, Educação Física e skate. A tematização, assim como as anteriores, também fomentou desestabilizações dos investimentos preconceituosos e este-reotipados associados ao skate, abordando questões relacionadas às vestimentas, estilos de vida e enunciados sobre os skatistas. Como culminância da tematização, os/as alunos/as produziram documentários, onde puderam, mais uma vez, registrar a heterogênesse de subjetividades (Guattari, 1992) que complexificaram suas relações com a prática do skate.

Souza (2024), após ter-lhe sido atribuída a “pior turma do 4º ano” da EMEF Chiquinha Rodrigues, pertencente à Diretoria Regional de Educação Santo Amaro, na zona sul da cidade de São Paulo, prontificou-se a trabalhar e objetivou modificar a constituição dos enunciados que construíam a turma a partir de personagens “renegados e terríveis”. A partir de um mapeamento que entrecruzou o território escolar e do bairro, definiu-se que a prática corporal a ser tematizada seria o ska-

te, tanto pela disponibilidade dos equipamentos na escola e pela presença na turma de crianças que eram agenciadas pela prática nas redondezas da escola. É importante destacar que, logo de início, a decisão já enfrentou resistências dos/as demais professores/as pelos mesmos investimentos territorializados expressados em enunciados preconceituosos que são comuns em todos os outros trabalhos anteriores. Manobras foram pesquisadas, vivenciadas e experimentadas. Crianças com mais experiência passaram a ajudar as com menos e a culminância dos trabalhos ocorreu quando outras turmas foram convidadas pelos ditos “renegados” para andar de skate e trocar conhecimentos a respeito da prática corporal.

CONCLUSÃO

Vemos como o skate vem ganhando destaque nas produções do grupo do GPEF desde a sua criação, o que demonstra uma iminência de suas territorializações pelas mais diversas escolas e espaços, com maior destaque para o Estado de São Paulo. Paralelos ao nosso quadro teórico, podemos dizer que a construção desses mapas, ou a produção dessas cartografias (ainda que não como método de pesquisa), demonstram um modo de operação particular do currículo cultural da Educação Física que transita pelos agenciamentos do skate: nesse sentido, o(a) docente torna-se, também, o personagem e o currículo a paisagem dos mais variados ritornelos que inventam o skate da

maneira como conhecemos, permitindo mapear, fazer leituras da prática, aprofundar, ampliar, vivenciar, registrar e ressignificar, problematizando e desconstruindo os enunciados que depreciam o skate e seus/suas praticantes; as diversas outras práticas que se ramificam nesses mapas; as reportagens, filmes, documentários; seus diferentes modos (street, vertical, freestyle, downhill, etc.); os jogos inspirados nessa prática; problematizações de gênero e de outros corpos praticantes (crianças, idosos); todo o mercado que o envolve, suas vestimentas, equipamentos (de segurança ou do próprio skate), dentre outros.

Alheios a uma perspectiva motricista que se vê quando, já propôs Nietzsche (2016), como mestre da finalidade, se ensina a andar, a ficar de pé, a ter equilíbrio, a fazer manobras, o currículo cultural (Neira; Nunes, 2009; 2022), diferentemente, a partir do que pode ser considerado um modo de atuação cartográfico (Lopes; Vieira, 2023), estende-se justamente a partir dos agenciamentos em que se atenta e que efetua, tirando daí a vitalidade da sua tematização. Sem a pretensão de valorar o que é bom ou ruim, o currículo cultural transitou por essas extensões e se questionou, ao modo cartográfico, sobre os agenciamentos, os efeitos, os poderes e os investimentos (molares, moleculares e de fuga), que territorializam e desterritorializam a prática do skate. Ainda sim, por fim, não encontramos nenhum trabalho, como afirmamos anteriormente, que tenha se utilizado da cartografia como método de pesquisa (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Oli-

veira; Paraíso, 2012), o que deixa em aberto a possibilidade para novas pesquisas a partir desta revisão. Enfatizamos que a cartografia, como método de pesquisa, poderá aprofundar a compreensão do skate e contribuir para um currículo que abra ainda mais espaço a multiplicidade e a diferença.

REFERÊNCIAS

BERSELLI, A.M. **Tematizando o skate no Ensino Médio em contexto pandêmico**. Campinas, SP: Serviço Social da Indústria, 2021. Disponível em: https://gpef.fe.usp.br/relatos/berselli_01. Acesso em: 06 jan. 2025.

BONETTO, P.X.R. **Skate no Júlio: o currículo cultural em ação**. São Paulo, SP: EMEF Júlio Mesquita, 2013. Disponível em: https://gpef.fe.usp.br/relatos/bonetto_01. Acesso em: 06 jan. 2025.

BONETTO, P.X.R.; NEIRA, M.G. A escrita-currículo da perspectiva cultural da Educação Física: por que os professores fazem o que fazem? **Revista Educação**, Santa Maria, v. 44, p. 01-23, 2019.

BONETTO, P.X.R.; VIEIRA, R.A.G. **Deleuze-Guattari e a Educação Física**. Belém: RFB, 2023.

BRANDÃO, L. **Para além do esporte: uma história do skate no Brasil**. Blumenau: Edifurb, 2014.

CESARETTI, E. **Skate/Slackline/Montanhismo – Das manobras às histórias**. São Paulo, SP: SESI AE Carvalho, 2016. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/02/02/cesaretti-e-skate-slackline-montanhismo-das-manobras-as-historias-sesi-ae-carvalho-sao-paulo-sp-2016/> Acesso em: 06 jan. 2025.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GOMES, C. A. O. **Skate na escola: uma proposta a partir dos alunos, um desafio para o professor**. Guarulhos, SP: EPG Clementina de Jesus, 2015. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/02/02/gomes-c-a-o-skate-na-escola-uma-proposta-a-partir-dos-alunos-um-desafio-para-o-professor-epg-clementina-de-jesus-guarulhos-sp-2015/> Acesso em: 06 jan. 2025.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt, revisão de Suely Rolnik. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartogra-**

fias do desejo. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, da L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

LOPES, F.C.O. **Skate na quebrada não é apenas “acrobacia”**. São Paulo, SP: EE Professor Luís Magalhães de Araújo, 2019. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/02/02/lopes-f-c-o-skate-na-quebrada-nao-e- apenas-acrobacia-ee-professor-luis-magalhaes-de-araujo-sao-paulo-sp-2019/> Acesso em: 06 jan. 2025.

LOPES, J.P.G. Currículo cultural da Educação Física: cartografias dos efeitos na prática docente a partir da filosofia da diferença. 2024. 244 f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

LOPES, J.P.G.; VIEIRA, R. A. G. Rizoma e Educação Física escolar: didatografias. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, e121799, 2023.

NEIRA, M.G. Etnografando a prática do skate: elementos para um currículo de educação física. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 9, n. 18, p. 299-316, 2014.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M.G.; NUNES, M.L.F. **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física**. São Paulo: FEUSP, 2022.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2016.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Martin Claret, 2017.

OLIVEIRA, T.R.M.; PARAÍSO, M.A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3 (69), p. 159-178, set./dez. 2012.

OLIVEIRA JÚNIOR, J.L. **Skate e patins: o idoso no centro da tematização**. São Paulo, SP: EMEF Raimundo Correia, 2015. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/02/02/oliveira-junior-j-l-skate-e-patins-o-idoso-no-centro-da-tematizacao-emef-raimundo-correia-sao-paulo-sp-2015/> Acesso em: 06 jan. 2025.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, da L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PEREIRA, C. (Coord.); *et al.* **Skate 360°: rolês teóricos pelas ruas da cidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2020.

SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura. **Secretaria Municipal de Educação. CEU Butantã** – Professora Elizabeth Gaspar Tunala. 2025. Disponível em: <https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/unidade/ceu-butanta/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

IRIAS, E.A. **“A vibe está muito legal”**: entre skates, capacetes, joelheiras e calças baixas. São Paulo, SP: EMEF Raimundo Correia, 2022. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/2023/02/02/irias-e-a-a-vibe-esta-muito-legal-entre-skates-capacetes-joelheiras-e-calças-baixas-emef-raimundo-correia-sao-paulo-sp-2022/> Acesso em: 06 jan. 2025.

SOUZA, R.A.P. **De renegados a estimados**: “Os terríveis do 4º B” se aventurando nas manobras de skate, breakdance e parkour. São Paulo, SP: EMEF Chiquinha Rodrigues, 2024. Disponível em: https://gpef.fe.usp.br/relatos/raquel_01. Acesso em: 25 jan. 2025.